

Uma recuperação incompleta após a queda histórica da atividade portuguesa no 2T

O PIB caiu 16,3% homólogo e 13,9% em cadeia no 2T, uma queda histórica, embora ligeiramente menos negativa do que a sugerida pelos indicadores. A procura interna contribuiu com -11,9 p.p. para a queda, refletindo a forte contração do consumo das famílias (-14,5% homólogo) e do investimento (-10,8%), enquanto a procura externa contribuiu com -4,4 p.p., como consequência da queda abrupta das exportações (-39,5%). Para o 3T, observa-se uma recuperação incompleta da atividade económica. Em agosto, os indicadores de confiança sugeriam uma melhoria em todos os setores, mas ainda afastados dos níveis anteriores à COVID-19. Outros indicadores disponíveis até julho sugerem esta mesma tendência, como a venda de automóveis (-16,9% homólogo em comparação com -54% em junho), a despesa registada nos TPA (-9,7% homólogo em julho face aos -14,4% de junho) e o consumo de energia elétrica (-3,4% em julho em comparação com -8,7% em junho). Alguns indicadores sugerem até alguma perda de dinamismo após o ímpeto da recuperação inicial. Por exemplo, o indicador coincidente de atividade caiu em julho para -11,9% em termos homólogos (-10,8% em junho). Neste contexto, convém lembrar também que a evolução da pandemia ao longo do outono e do inverno será o grande fator condicionante do cenário.

A pandemia castiga o desemprego. No 2T, a população empregada caiu em 185.500 pessoas, uma descida bastante concentrada no setor dos serviços (-130.700) e, de forma particular, no comércio, alojamento e restauração, setores fortemente dependentes da atividade turística. Da mesma forma, em julho o número de desempregados inscritos nos institutos de emprego atingiu as 407.000 pessoas (+100.000 em termos homólogos e +91.000 face a fevereiro). Paralelamente, as ofertas de emprego caíram 34,2% em termos homólogos em julho, sendo que a taxa de desemprego aumentou para 8,1% (+1,6 p.p. em termos homólogos). Nos próximos meses, é provável que continue a ser observado um aumento do desemprego devido ao bloqueio que a pandemia continuará a exercer na reativação económica.

Forte aumento do défice público para combater o coronavírus. O saldo orçamental das Administrações Públicas atingiu -7,6% do PIB acumulado até julho (tinha sido -0,4% no mesmo período de 2019). Este maior défice reflete tanto a queda substancial das receitas (-10,5% homólogo) como o aumento da despesa (+5,3%). A diminuição das receitas deveu-se não só às medidas de adiamento ou suspensão do pagamento de impostos (equivalentes a 672 milhões de euros até Julho), mas também à evolução da economia, especialmente visível na queda em termos de cobranças provenientes do IVA, do imposto sobre os produtos petrolíferos e do imposto sobre os veículos. Relativamente às rubricas de despesa, as medidas de apoio às

Portugal: PIB

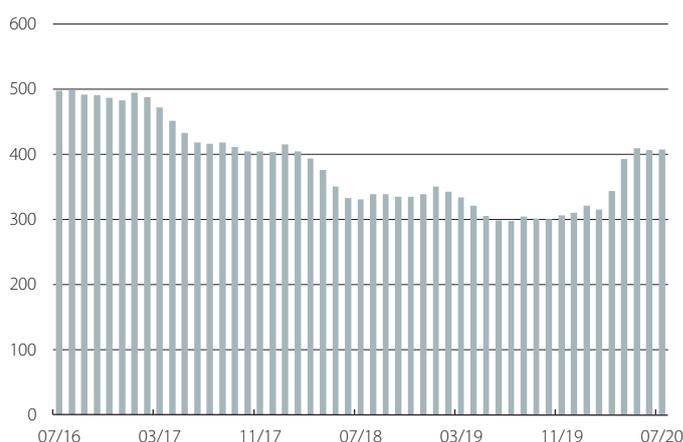
Varição homóloga (%)

	3T 2019	4T 2019	1T 2020	2T 2020
PIB	1,9	2,2	-2,3	-16,3
Consumo privado	2,6	1,9	-1,0	-14,5
Consumo público	1,2	1,5	0,4	-3,4
Investimento	8,2	-2,0	-3,5	-10,8
Exportações	2,2	6,2	-5,1	-39,5
Importações	5,7	3,6	-2,5	-29,9

Fonte: BPI Research, a partir dos dados do INE.

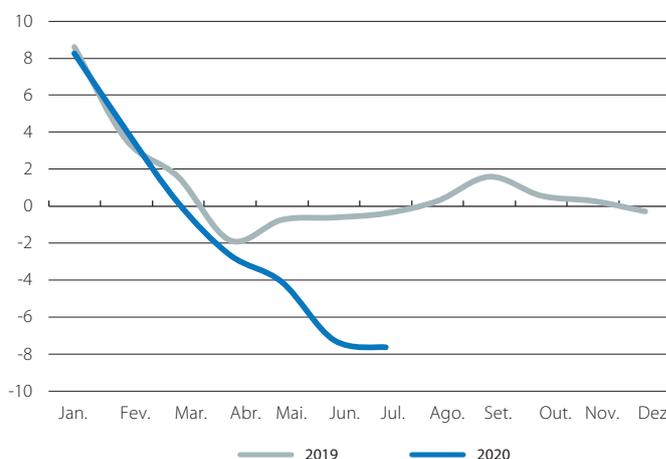
Portugal: desemprego registado nos centros de emprego

(Milhares de pessoas)



Fonte: BPI Research, a partir dos dados do IEFP.

Portugal: saldo das Administrações Públicas * (% do PIB)



Nota: * Dados das contas públicas.

Fonte: BPI Research, a partir dos dados da DGO.

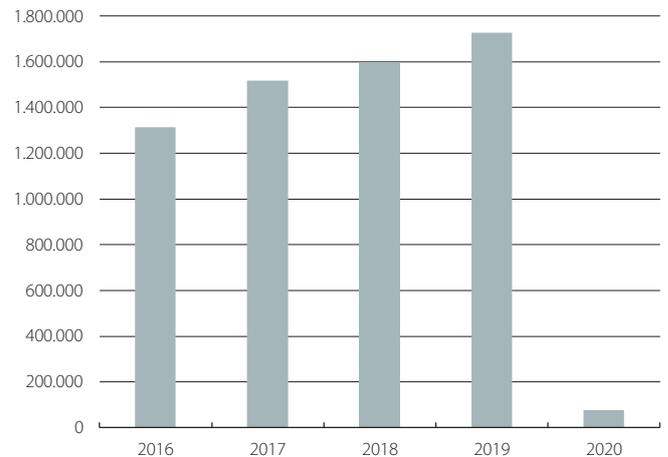
empresas e às famílias e as despesas relacionadas com o setor da saúde atingiram os 1.599 milhões de euros, dos quais quase 752 milhões correspondem a despesas relacionadas com os programas de regulação temporária de emprego.

A recuperação do turismo é lenta e as contas externas deterioram-se. Em junho, o défice da balança corrente atingiu -0,5% do PIB (acumulado de 12 meses), em comparação com os -0,1% no final de 2019. Por um lado, o défice na balança de bens melhorou para -7,4% (-8,1% no final de 2019), sendo que, por sua vez, o superavit dos serviços caiu para 6,8% da PIB, o seu pior registo desde o início de 2016. Esta redução é explicada principalmente pelo desempenho da balança turística, com uma queda de mais de 95% no número de turistas estrangeiros no mês de junho. Paralelamente, o rendimento médio por quarto disponível desceu significativamente (-79% homólogo) para 13 euros, com 46,3% dos estabelecimentos de alojamento turístico a permanecerem fechados ou sem registarem movimento de hóspedes (74,1% em maio.) Da mesma forma, no mês de junho o movimento nos aeroportos nacionais (cerca de 318 mil passageiros) foi 94,6% inferior ao de junho de 2019, o que reflete uma reativação muito lenta da atividade nos aeroportos portugueses após o confinamento.

O crédito flui dinamicamente face à procura das empresas. Especificamente, as novas operações concedidas ao setor privado não financeiro aumentaram 21,3% homólogo no conjunto do primeiro semestre, com um aumento de 32,0% no segmento das empresas e uma desaceleração, pelo quinto mês consecutivo, no caso das famílias (4,4%). Se analisarmos isoladamente o mês de junho, as novas contratações de crédito às empresas aumentaram 43,5% homólogo, ao mesmo tempo que caíram 8,1% no caso das famílias. Esta divergência é explicada pela maior necessidade de liquidez por parte das empresas num contexto de baixa atividade enquanto as famílias tendem a acumular poupanças devido ao receio de perderem rendimentos e à maior incerteza económica. Por sua vez, de acordo com dados até ao final de junho, foram aplicadas moratórias de crédito a 741.623 contratos, 70% dos quais relacionados com famílias, das quais mais de 62% possuem contratos de crédito à habitação e outros créditos hipotecários.

O mercado imobiliário desacelera paulatinamente. O valor médio das avaliações bancárias continuou a aumentar em julho (+8,0% homólogo, para 1.127 euros por metro quadrado), mas de forma mais moderada que nos meses anteriores. No entanto, registou-se uma redução dos pedidos de avaliações relacionadas com possíveis créditos à habitação (-15,9%), uma descida em sintonia com o menor dinamismo das novas operações de crédito. Por outro lado, o setor da construção continua a mostrar maior resistência ao impacto do que outros setores da economia, com um aumento das vendas de cimento de 10,7% em termos homólogos em julho.

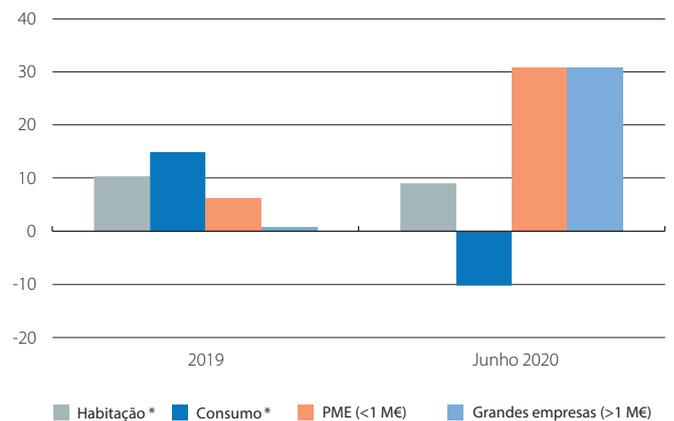
Portugal: chegadas de turistas estrangeiros em junho
(Número de pessoas)



Fonte: BPI Research, a partir dos dados do INE.

Portugal: novas operações de crédito

Variação homóloga do acumulado do ano (%)



Nota: * Renegociações não incluídas.

Fonte: BPI Research, a partir dos dados do Banco de Portugal.

Portugal: preço de avaliação de imóveis

(Euros por metro quadrado)



Fonte: BPI Research, a partir dos dados do INE.